

DE MILAGREIRA À SANTA DO PAU OCO: O SIMBOLISMO E O IMAGINÁRIO FEMININO NA NARRATIVA DA COBRA GRANDE TOMÁZIA, NAS COMUNIDADES DAS ILHAS EM CURRALINHO – MARAJÓ

FROM THE HOLY MIRACLE WORKER TO "SANTA DO PAU OCO": THE SYMBOLISM AND THE FEMININE IMAGERY IN THE NARRATIVE OF THE BIG SNAKE TOMÁZIA, COMMUNITIES OF THE ISLANDS IN CURRALINHO - MARAJÓ

Cristiane do Socorro Gonçalves Farias¹
Flávio Leonel Abreu da Silveira²

Resumo: A proposta do artigo é a de refletir sobre a figura da Cobra Grande, no contexto marajoara, a partir dos relatos de dois narradores locais. As narrativas envolvem uma série de episódios que giram em torno da presença do encantado na área insular do município de Curralinho (PA). Nelas a figura do feminino é de grande relevância nas situações que se sucedem, tratando de temas como doença e cura, relações familiares cotidianas, bem como de tensões entre humanos e o encantado naquele contexto.

Palavras Chaves: Marajó, encantados, Cobra Grande, feminino.

From the holy miracle worker to "santa do pau oco": the symbolism and the feminine imagery in the narrative of the big snake Tomázia, communities of the islands in Curralinho - Marajó

Abstract: The purpose of this article is to reflect about to figure of the Great Snake, in the marajoara context, from two local narrators reports . The stories involve a number of episodes that revolve around the enchanted presence in the insular area of the municipality of Curralinho (PA) . In them the female figure is of great importance in situations that follow , dealing with topics such as disease and healing, everyday family relationships , as well as tensions between human and delighted in that context.

Keywords : Marajó , enchated , Great Snake , female.

As comunidades ribeirinhas no contexto do Marajó, mais especificamente àquelas situadas junto às ilhas da cidade de Curralinho, se constituíram ao longo do tempo, a partir de vivências e práticas cotidianas associadas as linguagens simples e dinâmicas, próprias aos ribeirinhos. Elas produzem e constituem um mundo repleto de nuances ambíguas porque anfíbias – entre o solo e as águas -, com seus



mistérios e auras que aproximam/misturam cultura e natureza, transformando-se continuamente a partir do entrelaçamento sutil das teias de significações e ecossistêmicas, o que torna aquele universo aos olhos de quem chega ao local repleto de sentimentos que não ficam claros, até certo ponto indeterminado porque evocam sentimentos turvos que mesclam realidades, sonhos e devaneios.

Fomos atrás dessas pessoas que tem um contato maior com essa realidade cheia de teias e labirintos eco-culturais que revelam paisagens praticadas desde longa data. Buscamos pessoas que nos contassem histórias de suas vidas. Foi por isso que decidimos atravessar o rio e ir até as ilhas que ficam em frente à cidade de Currálinho. São pequenas ilhas que formam uma grande barreira entre a margem direita do rio Pará e a sua margem esquerda, localizando-se bem no meio do rio. As ilhas chamadas de Caí, Caízinho, Miritituba, Marituba, Caroba, ficam mais próximas à cidade e são povoadas por grupos de parentela.

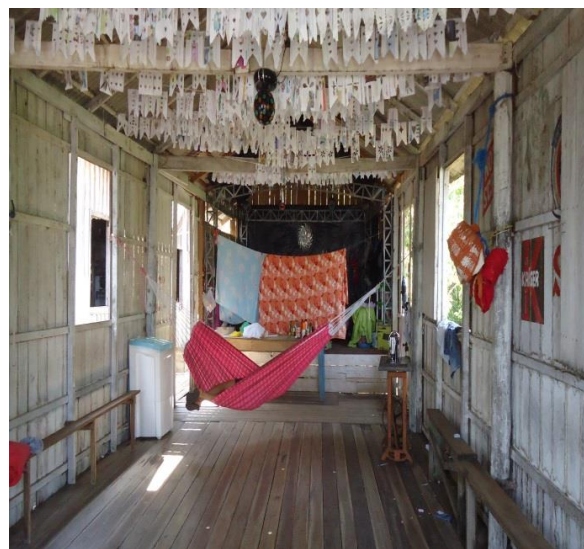
Cada ilha pertence a uma determinada família e, a cada parente que casa e ali deseja permanecer é providenciado um pedaço de terra, para que façam suas moradas. A economia dessas ilhas é voltada a pesca artesanal do camarão e a venda do fruto do açaí, que levam para a cidade a fim de comercializá-los. As pessoas que estão em idade escolar, atravessam todos os dias o curso d'água para estudar em



Currálinho. O barco da prefeitura passa, e para há uma determinada distância da ilha. Normalmente, os alunos são deixados no barco que os conduzirá à escola em

um casco, por algum parente, e seguem viagem. Assim é o ritual cotidiano, na ida e na volta.

As pessoas com as quais conversamos não sentem vontade de sair do lugar e, quando o fazem é apenas para estudar ou conseguir algo melhor em relação à educação. Afirmam serem felizes porque tem tudo que precisam para a sua existência, inclusive a família de dona Venância, seus netos e filhos, tiveram a ideia de criar um grupo de danças folclóricas e de danças livres na ilha em que vivem. O coreógrafo é um de seus netos. O grupo faz apresentações em datas especiais na própria ilha do Miritituba (ou em outras localidades), em um pequeno barracão de festas improvisado. O fato da família de d. Venância ser muito grande e a vontade de terem momentos de descontração, como ela própria diz, motivaram a criação do grupo.



O salão é o ponto de encontro para os familiares e amigos, em dia de aniversário, de casamento, ou mesmo, nos dias de rezas, nas novenas e ladainhas, entre outros acontecimentos.

É um lugar simples, feito de madeira e todo decorado com bandeirinhas de papel, pintado a cal e possui um pequeno palco no fundo. Serve também de depósito dos materiais de figurino do grupo de

danças, existem bancos de madeiras nas laterais, cortinas improvisadas, de muito bom gosto. Em dia de festa, vem gente de todas as ilhas e até da cidade, conhecidos da família. A senhora diz, que prefere que os filhos façam suas festas no local, pois assim se sente mais segura vendo-os perto, ao alcance de seu olhar.

Dona Venância é uma senhora muito alegre e aparenta uma vida saudável. Viúva, teve quinze filhos. É



moradora há 57 anos na ilha do Miritituba, possui 67 anos. Mora em uma casa simples e bem cuidada. Até os dias de hoje realiza as suas atividades cotidianas com afinco: apanha açaí, pesca e cuida da casa; não reclama da vida que tem, pelo contrário, a todo momento faz questão de agradecer a sua trajetória de vida. No entanto, um detalhe a deixa entristecida: o fato de não ter mais o marido entre os seus.

Conversando com d. Venância sobre o que ela lembrava, acerca de suas vivências e experiências, dos fatos acontecidos em sua vida foi que descobrimos a história da cobra grande, chamada Tomázia. A primeira história que contou nos mostra a cobra como um ser que faz o papel de uma santa, capaz de produzir um prodígio, algo miraculoso. Trata-se de uma encantada que tem o poder de curar um ser humano, a partir de um pedido direcionado a ela, como por exemplo, curar uma criança doente. Como fica claro em sua narrativa que segue:

Eu tinha um tio. Aí ele tava com um filho doente. Aí ele pegou e falou assim pra uma... pra uma... encantada, né? Que existia aqui entre a ilha do Caí e o Marituba, tem um furo lá. Aí... Quando foi um dia o filho dele estava entre a vida e a morte, ele tava muito mal! Não queria comer, não queria beber mais nada, ele tava muito estragadinho, estava só se jogando, e ele falou pra ela assim:

– Ah dona Tomázia! Se a senhora me enviasse um remédio assim pro meu filho ficar bom... Eu compraria um metro de fita verde, assim, pra senhora amarrar o seu cabelo. Eu ia jogar lá no poço onde a senhora mora pra senhora amarrar o seu cabelo! Me faça isso! Ele disse: - Me faça esse favor!

Tá... Quando foi de noite, ele foi lá pro mato e aí a mulher dele falou:

– Olha! Uma casca de pau assim, assim, é boa pra esse remédio!

Ele foi pra lá e tirou, eu sei que fizeram o remédio ele tirou. Ele foi em Curralinho e comprou... Quando foi de noite ele acordou e disse:

– Mãe! Eu quero comer! Ele não comia e bebia nadinha, tava só mesmo...

E aí... Ela foi e fez um caribé³ pra ele tomar, ele tomou... E aí ele falou:

– Mamãe eu quero comer peixe!

Ela falou: – Mas não tem peixe agora meu filho, de manhã vou te dar peixe, teu pai vai puxar peixe pra ti comer.

Tá! E aí ele ficou.... Depois ela tornou e fez um leite, tornou a fazer um caribé de novo. E quando foi de manhã ele pegou a linha dele e foi pescar e ele falou: – Josefa! O nome da mulher dele era Josefa.

– Josefa eu vou lá em Curralinho, vou comprar um alimento pro meu filho e vou pagar uma promessa que eu fiz!

Aí ele pegou e foi. E quando ele chegou comprou um metro de fita verde, chegou lá embrulhou muito bem e jogou lá no poço onde ela morava.

Passou dois dias ele foi pescar lá pra baixo, e tinha uma praia muito grande... Ele olhou lá e tinha a praia e virou um pau... era ela!

Ela sentou de costa pro rio e de frente pra terra... Ela tava nua... Braanca ela era, muita alva e os cabelos compridos muito amarelo, muito comprido o cabelo dela, e aí ele olhou... Quando ele olhou... A fita no cabelo dela amarrado... E tava no cabelo dela!

Aí ele remou passou pra baixo e pescou pra lá e depois ele veio, voltou e ela não estava mais! Já tinha ido embora. Ele veio de lá e disse:

– Josefa, eu fiz a promessa pra d. Tomázia, eu dei, joguei um metro de fita no poço dela e hoje eu já vi ela com a fita amarrada no cabelo!

– Aonde já, Antônio!

Ele falou: – Eu vi Josefa, eu vi ela amarrado, o cabelo dela amarrado com a fita verde, ela é muito bonita!

Logo em seguida se propõe a nos falar sobre outra história, dessa vez que aconteceu com ela mesma e seu marido, aqui a narradora nos mostra não mais uma cobra que tem uma aura de mistério e de poder ligados à cura e, sim, que tem a intenção de tirar o seu marido. Neste caso, a narradora a percebe como uma traidora, destruidora de lares, pois queria levar seu marido e deixá-la só com diversos filhos. Segundo ela:

Aí... Quando foi um tempo ela deu em cima do meu marido.

Aí ela veio.... Veio, que quando foi uma noite ele veio pra minha banda e disse:

– Venância... Tu ainda não viste um... um... navio que para aqui na frente de casa?

Tá! Aí eu fiquei, fiquei noites que eu acordava assim... Porque a gente trabalhava muito pra sobreviver, né? Quando a gente chegava a deitar na rede a gente tava muito cansado. E quando, às vezes, eu acordava, ele estava na janela debruçado assim, olhando.... Eu falava:

– Lori, tu tá com a tua insônia? E quando foi um dia ele virou pra mim e disse:

- É a d. Tomázia que tá dando em cima de mim! Ela quer que eu desencante ela! E quando foi um dia ele tava dormindo, assim, e ele começou com mungango⁴, feio, feio e aí eu fui pra lá e falei:

– Ei! ... O que tá te acontecendo aí cara? E ele falou:

- Venância? Não sei! Eu disse:

– Eu vou pegar essa desgraçada, eu sou uma pessoa, eu sou uma mulher, ela pode ser uma mulher, mas ela é uma mulher traidora, porque ela vai querer tirar tu de mim! Eu falei!

- E nós temos uma porção de filhos!

Aí tá... Quando foi uma noite ela veio... Ela veio e eu tava dormindo... Acho que aquilo me... Me adormeceu né? Eu fiquei adormecida... E quando eu olhei pra lá ela estava assim segura no punho da rede dele convidando pra ir embora.

Eu vi! Que eu alevantei e segurei na beira da rede, assim, e sacudi a rede e disse:

– Ei! O que tu estás fazendo aí? Ela falou:

– Não! Eu queria que ele fosse comigo bem ali!

– Tu quer que ele vá contigo? Ou tu quer que eu vá contigo?

Aí eu meti o pé! Eu falei o que quis, eu falei que ela era uma destruidora de casamento, e ainda não tinha achado uma pessoa aqui na terra pra destruir meu casamento... (bate os dedos na mesa). Aí eu meti o pé nessa mulher, falei o que eu quis pra ela.

Depois eu dei um pisão nela quando ela caiu eu senti, disque, ela ia andando assim e eu fui pisando.... Aí eu caí no buraco e ela foi andando, andando e eu só escutei o estrondo na água tchê pei... E eu ainda gritei de lá:

– Vai filha da puta! Com o perdão da palavra. Desgraçada da traiçoeira!

E aí toda vez que eu saía no casco ele tinha que ir atrás de mim, porque ele tinha muito medo que ela me pegasse na beirada.

Ela não me pegou porque ela não quis, porque ela é encantada né? Se ela não me alagou porque ela não quis, se ela não me comeu porque ela não quis eu sei lá.... Se ela tinha pena de mim? Ela falou pra ele que ela ia embora.

Eu tive muita coragem, eu fiz isso, eu disse bem feito da pisa que ela levou, eu saía quando eu ia pescar, eu metia minha filha no casco e ia, quando eu via ele chegava dizia que era pra eu deixar de andar só na beirada e eu disse:
- Mas porquê? Ela não quer mulher ela quer homem, caramba!

Como podemos observar nas narrativas de d. Venância aparecem alguns aspectos relevantes sobre a ambiguidade das intenções que permeiam as narrativas sobre a cobra grande. O interessante é que na primeira narração, a cobra, por meio de uma promessa que o homem faz à ela cura a criança, sendo esse fato imediatamente atribuído ao encantado. No pedido pelo filho, o pai promete que se ela indicasse um remédio que o curasse, lhe compraria um metro de fita verde. Ao me reportar ao dicionário de símbolos de Becker (1999) menciona que as fitas são frequentemente símbolos de poder soberano ou judicial, indicando, ainda, o poder de ligar e de desligar. Em outros contextos também podem ser símbolos de vínculo livremente estabelecido (BECKER, 1999).

No dicionário de símbolos de Chevalier (2012), o simbolismo da fita quando amarrada, é de um modo geral positivo. O nó da fita cuidadosamente toma a aparência de uma flor, a forma circular que toma, então, evoca, à maneira do círculo, uma participação na imortalidade, na perfeição, em ação generosa, até mesmo heroica; joga-se fitas ao vencedor. A fita, desta forma, recompensa um ato de coragem ou uma vida que se distingue, marca um sucesso, uma realização orientada no sentido de uma vitória. Já a cor verde representa “o valor médio entre o calor e o frio, entre o alto e o baixo, sendo equidistante do azul celeste e do vermelho infernal, ambos absolutos e inacessíveis, é uma cor tranquilizadora, refrescante, humana.” O verde é o despertar da vida, é a cor da esperança, da força e da imortalidade, universalmente simbolizada pelos ramos verdes. (CHEVALIER, 2012, p.938-939)

Acredita-se que os cabelos, possuem o dom de conservar relações íntimas com o ser que o possui. Mesmo depois de separados do corpo. Simbolizam suas prioridades ao concentrar espiritualmente suas virtudes. Na maior parte das vezes, em muitas culturas são vistos como portadores reais ou símbolos de força. Também a cor dos cabelos, por vezes, tinha valor simbólico. Cabelos loiros eram associados com a luz, entre os antigos, deuses, deusas e heróis eram loiros, porque essa cor loira simbolizava as forças psíquicas emanadas da divindade.

O fato da Tomázia encontrar-se nua é explicado por ser a nudez, um símbolo para os ocidentais – é preciso pensar que o encantado é fruto da mescla de experiências civilizacionais na Amazônia -, muitas vezes, como um signo de sensualidade. A nudez do corpo é, na óptica tradicional, uma espécie de retorno ao estado primordial. É o caso dos sacerdotes hebreus que penetram nus nos Santos dos Santos, para manifestar seu despojamento na proximidade dos Mistérios divinos. Na tradição bíblica, a nudez pode ser tomada, primeiro, como um símbolo de um estado em que tudo está manifesto, não oculto: Adão e Eva no jardim do Éden.

Outro ponto interessante é o número um, que o promesseiro faz à cobra, um metro de fita verde. Os números, no dicionário de Chevalier (2012), que aparentemente servem para contar, forneceram, desde os tempos antigos uma base de escolha para as elaborações simbólicas. Expressam não apenas quantidades, mas ideias e forças (CHEVALIER, 2012). A palavra sempre teve uma influência sobre os homens, mas se a eficácia do verbo é grande, a do número ultrapassa-a; se a palavra é a explicação do signo, o número é com efeito a raiz secreta dele.

O outro narrador com quem conversamos é seu Raimundo Corrêa, conhecido por seu Pepira, tem 68 anos e nos conta como surgiu a cobra, e o relacionamento dela com os moradores das pequenas ilhas que cercam o seu poço.

No momento ele não mora mais na ilha, mas conta que nasceu e cresceu lá até se casar com dona Maria do Rosário, com quem criou três dos cinco filhos que tiveram. Seu Pepira é um narrador admirável, de memória ativa e criadora, sempre gostou de ler e de contar histórias. Conta de como dava um jeito de arranjar um dinheirinho e mandar comprar livros de cordel na capital, pois “antigamente eram dias pra chegar em Belém e voltar, os barcos eram a vapor, né?” Ele lia, decorava e os contava aos seus amigos, parentes, assim ele era conhecido na sua comunidade como um ótimo contador de histórias. Fala, com certa tristeza na voz, que anda meio enferrujado para contar essas histórias, pois não tem mais momentos para contar e nem para quem contá-las.

Então, ao conversar conosco faz um esforço para lembrar ao ser instigado por nós e, logo, começam a surgir as “pérolas” de seu Pepira. Conta muitos fatos, muitas histórias que estavam guardadas em sua memória, até que começa a contar a história da cobra que d. Venância falou, de como ela surgiu. Fato, inclusive, que d. Venância não conhecia.

Disse que conheceu a mãe das cobras quando era jovem. Ela teve duas cobras, um macho e outra fêmea, a parteira batizou a ambas e as soltaram no rio. Desde então essa cobra sempre aparecia para os moradores. Apresenta-nos uma cobra que toma conta do seu espaço – portanto, é sua dona (FAUSTO, 2008) -, preocupada com a falta de cuidado do homem pelo seu lugar que é o poço, no percurso do igarapé. De acordo com o senhor:

A cobra grande existe.... Existe sim, eu conheço. Aqui nessa ilha tem cobra, no Furo do Laranjal tem uma cobra... Mas só que ela é encantada! Essa cobra encantada surgiu assim, nesse negócio de mulher que tem filho assim, né? De bicho. Essa mulher aí teve duas cobrinhas, e aí a parteira.... Batizou e soltou.

Com o tempo, com os anos, elas ainda vieram pra falar com a mãe delas desencantar elas, mas aí a mãe ficou com medo. Era pra ela ir na cabeça da ponte que eles vinham botar a cabeça pra ela jogar o leite do peito com água benta, que elas se desencantavam.

Elas vieram no sonho falar pra ela ir... E ela foi, mas ficou com medo quando ela viu as cobras, as cobras foram, e aí ela não desencantou e aí dobrou! Bem, então.... Quando eu me entendi.... Eu conheci a mãe das cobras e o pessoal contavam que era um casal, e o menino mataram! Ficou só ela e ela mora ainda aqui no furo.... Ainda existe essa cobra! Pode conversar com qualquer um daqui do outro lado, nas ilhas que eles te contam dessa

cobra.... Aí na ilha do Caí... E aí ela se apegou com o tio Juquinha, um preto velho, era pra ele ir com uma faca e ela ia botar o rabo dela pra terra. E ele ia pegar uma faca e riscava até furar o couro dela. E botar sal e água benta e que ela não ia casar com ele, porque ele já era velho, mas que ela dava riqueza pra ele viver o resto da vida dele. Ele foi, mas quando ele viu o rabo da cobra ele ficou com medo, a coragem não deu! Aí, ele redobrou o encanto dela.... Aí ela boiava perto do tio Juquinha, e ele gritava:

– Ei dona Tomázia!

Disque ela só olhava pra ele e mergulhava, mas nunca fez mal! Ela mora aqui.... No poço...

Morou um senhor lá, hoje vive só os filhos dele, ele já morreu, ele morou bem na boca do igarapé e aí.... Eles cismaram que tinha essa cobra lá e começaram a quebrar garrafa e jogar lá no poço, e aí quando foi uma noite ela veio no sonho dele:

– Olha, seu João! Não consinta seu filho e nem o senhor, não jogue mais vidro nesse poço.... Esse poço é meu.... Eu moro aqui há muitos anos.... Não mexo com ninguém, mas não continue a jogar o vidro quebrado porque eu não quero que o senhor faça isso.... Porque me prejudica, porque se você continuar a jogar esse negócio.... Eu vou afundar sua casa com tudinho, eu vou meter a sua casa no fundo.... Aí eu vou encantar todo mundo!

Aí, o João se mudou de lá, sabe? Por causa disso... ele foi embora!

Na narrativa de seu Pepira observamos uma história relacionado ao mito da cobra grande, ao falar que a parteira jogou água batismal, líquido que é o instrumento de purificação ritual, fez com que essas cobras saíssem de um suposto mundo pagão e entrassem em um mundo de purificação, de renovação, associado aos ritos de passagem, principalmente nos nascimentos. O sonho é muito forte nessa narrativa, todos os acontecimentos foram intermediados pelo sonho.

A ideia de sonho é muito discutida entre vários especialistas como por exemplo, para Freud, o sonho é a expressão, ou a realização de um desejo reprimido, a interpretação do sonho é a estrada principal para se chegar ao conhecimento da alma; para Jung, ele é a auto-representação, espontânea e simbólica, da situação atual do inconsciente; o sonho também pode ser classificado, neste caso ele poderia ser classificado como sonhos visionários, que transporta, ao que Corbin chama, de o mundo das imagens, e que pressupõe no ser humano, num certo nível de consciência, poderes que nossa civilização ocidental talvez tenha atrofiado ou paralisado, poderes sobre os quais, Corbin, encontra testemunhos entre os místicos iranianos; trata-se aqui, não de presságio, nem de viagem, mas de visão. O sonho é tão necessário ao equilíbrio biológico e mental como o sono, o oxigênio e uma alimentação sadia. (CHEVALIER, 2012, p.845-846)

Ainda nas linhas de Chevalier, que nos mostra que a cabeça simboliza igualmente, o espírito manifestado, em relação ao corpo, que é uma manifestação da matéria (p. 152) uma manifestação particular do ser. O leite toma lugar especial ao ser a primeira bebida e o primeiro alimento, a partir do qual todos os outros existem em estado potencial. O leite é naturalmente o símbolo da abundância, da fertilidade e, também, do conhecimento. Símbolo da imortalidade e, numerosas são as interpretações islâmicas que dão ao leite um sentido iniciatório (p. 542-543).

Outro símbolo importante é o sal, ele é ao mesmo tempo, conservador de alimentos e destruidor pela corrosão. Por isso, o seu símbolo se aplica à lei das transmutações das leis físicas e à lei das transmutações morais e espirituais. O sal simboliza também a incorrutibilidade, enquanto sal da aliança, consumir com alguém o pão e o sal, significa, para os semitas, uma amizade indestrutível.

O poço, por sua vez, se reveste de um caráter sagrado em todas as tradições, ele é o símbolo da abundância e a fonte da vida, mais particularmente entre os povos hebreus; além disso, o poço seria o símbolo de segredo, de dissimulação, especialmente de dissimulação da verdade; sabe-se que ela dele sai nua. (CHEVALIER, 2012, p. 726) O poço representa o homem que atingiu o conhecimento, conforme (DURAND, 2012, p. 222).

Como nos mostra o autor acima (2012, p. 230), as águas em algumas religiões são relíquias, são as águas como mães do mundo, no entanto, são elas que nos permitem que conheçamos seus filhos, a cobra, sendo assim, poderia ser um de seus filhos, sua cria, sendo ela a mãe, uma das maiores fontes de mistério. A serpente é um dos símbolos mais importantes da imaginação humana, (DURAND 2012, p.316). O autor nos diz que nos lugares que não existem serpentes, que não são próprios a elas, fica difícil encontrar-lhes um substituto à altura. Durand (2012) O simbolismo da serpente é o mais tenaz e polivalente que existe.

A partir das narrativas coletadas sobre a cobra grande, podemos perceber que elas se encaixam nos modelos em que Durand (2012) classifica a serpente, o ofídico, quando liga a imagem da serpente a uma trilogia simbólica: da transformação temporal, da fecundidade e da perenidade ancestral.

Em relação à primeira classificação, a cobra Tomázia toma para si a simbologia do fluxo e refluxo da vida de que fala o autor, onde a cobra tem virtudes médicas e farmacológicas, “a serpente é, então, guardiã, ladra ou detentora da planta da vida, como nas lendas semíticas, e o simbolismo ofídico vai ligar-se ao simbolismo vegetal da farmacopeia” (DURAND, 2012, p.317).

Por intermédio do ser encantado, o pai da criança, encontra o remédio em forma de planta medicinal que, ao ingerir, fez possivelmente a criança voltar à esperança de vida, solicitando alimento e fazendo com que seu pai acreditasse que foi a cobra que providenciou a sua cura. Bachelard também nos mostra que a cobra tem facilidade em desaparecer com muita facilidade, associando isso ao ato de se metamorfosear, podendo se apresentar de diversas formas, como aconteceu na primeira narrativa, quando se apresenta na forma de uma mulher encantadora, muito alva, de cabelos longos e loiros. Desta maneira, ao criarmos a imagem de d. Tomázia em nossas mentes, imaginamos uma linda mulher, muito fácil de encantar qualquer ser humano, justamente pela facilidade de “trocar de pele”.

A segunda característica d. Tomázia é a de que toma a forma de uma mulher que entra em contato direto com um ser humano, na segunda narrativa, com a intenção de encantar o homem casado e levá-lo para o seu mundo, a fim de tomá-lo como seu. De acordo com diversos mitos em relação às

serpentes que habitam as águas, as mesmas alimentariam o mundo das águas fecundas. Elas trazem em si uma forte sexualidade e poder de fecundidade. E, por fim, na mesma narrativa ela toma a forma de guardiã do mistério, onde a própria narradora declara não saber o porquê que ela não a matou, ou não teve outra reação, pois ela sabia que ela estava lidando com algo que não é da esfera do mundo dos humanos e que o ser encantado detém enorme poder sobre a mulher que, como uma simples mortal, não teria a mínima chance de enfrentá-la. Assim, dessa forma, Durand nos diz que:

O simbolismo ofídico contém o triplo segredo da morte, da fecundidade e do ciclo. Epifania por excelência do tempo e do devir agrolunar ela é, no Bestiário da lua, o animal que mais se aproxima do simbolismo cíclico vegetal. Em numerosas tradições, a serpente está, aliás, acoplada à árvore. Talvez se deva ver nesta união caduçaica a dialética de duas temporalidades, uma, a animal, emblema de um eterno recomeço e de uma promessa bastante rude de perenidade na tribulação; a outra – a vegetal, verticalizada na árvore –pau, emblema de um triunfo da flor e do fruto, de um retorno, para além das provas temporais e dos dramas do destino, à verticalidade transcendência.
(DURAND, 2012, p.320-321)

A partir das narrativas aqui estudadas, podemos perceber como o imaginário imbrica-se com os sonhos, as pessoas e com as paisagens nas quais estão cercadas, também prenes de simbologias de onde emanam narrativas míticas, onde o sujeito, por sua vez, de acordo com sua vivência, crê num ser misterioso que apresenta características humanas, diante de sua potência metamórfica.

Podemos perceber, também, que por meio das narrativas o envolvimento entre humanos, não-humanos e sobre-humanos fica claro, e que os papéis em certas situações se confundem. E, não raro, confundem os próprios narradores que entendem o papel mítico desse ser encantado que protege seu lugar, que protege as pessoas que ali vivem e que, ao mesmo tempo, entra em conflito com os mesmos. A ambiguidade do feminino, como cobra e como ser humano, traz vicissitudes próprias experiência caboclo-ribeirinha, envolvendo problemas para alguns, enquanto, por outro lado, protege os seus.

Referências

BARTHES, Roland et al. **Análise Estrutural da Narrativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BECKER, Udo. *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Paulus, 1999.

CHEVALIER, Jean. *Dicionário de Símbolos: mitos sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2012.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário. Introdução à arquetipologia geral**. São Paulo: Editora: WMF Martins Fontes, 2012.

FRAXE, Teresinha de Jesus. *Cultura cabocla – ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade*. São Paulo: Annablume, 2004.

FAUSTO, Carlos. **Donos demais: maestria e domínio na Amazônia**. *MANA* 14(2): 329-366, 2008.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário**. São Paulo: Loyola, 2007.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a “literatura” medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
_____. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

¹ Aluna do programa do PPGLS UFPA – Bragança – Pará, turma 2014. E-mail: kissfarias@hotmail.com

² Doutor em Antropologia Social. Professor do PPLSA/UFPA. flabreu@ufpa.br. Pesquisador do CNPq.

³ Típico mingau feito da fécula ralada da mandioca.

⁴ Pelo que entendemos tratava-se de uma espécie de pesadelo que seu marido experimentara, por isso balbuciava enquanto dormia.